

Editorial

Ano novo, novos conselhos, novas notícias

Iniciamos mais um ano com esta edição da RBO, que já contém um número maior de trabalhos. Esta foi a opção do conselho editorial e da nova diretoria da SBOT, frente ao número cada vez maior de trabalhos enviados para publicação – ao invés de mais números, uma revista com maior número de trabalhos.

O Conselho Editorial foi renovado, com a entrada dos professores Akira Ishida, Helton Defino e Sergio Checchia, que substituíram os professores João Batista Volpon, Flávio Faloppa e Tarcisio Barros, três professores titulares que contribuíram de forma decisiva para indexação da RBO na SciELO. Essa renovação ocorre por força do estatuto da RBO, que determina que cada presidente da SBOT, em conjunto com o Conselho Editorial, renove um terço deste no seu mandato.

O novo conselho renovou também o Corpo Editorial e o Corpo de Consultores, trazendo novos nomes que têm contribuído muito com a RBO em substituição a membros que solicitaram o seu desligamento ou que foram considerados como merecedores de um período de descanso das complicadas funções de revisão editorial. Atendendo a resolução da reunião do Conselho Editorial da RBO no 41º CBOT no Rio de Janeiro, apresentamos os primeiros Editores Associados: Philippe Hernigou – Paris, França; Fernando Fonseca – Coimbra, Portugal; José Neves – Porto, Portugal; Jacinto Monteiro – Lisboa, Portugal.

A RBO agradece àqueles que se afastaram por qualquer motivo e saúda os novos membros.

Neste editorial transcrevemos o documento que sintetiza a ação da AMB junto à CAPES para valorização da editoração científica brasileira.

Gilberto Luis Camanho
Editor-Chefe

Classificação dos periódicos no Sistema QUALIS da CAPES - a mudança dos critérios é URGENTE!

A Associação Médica Brasileira (AMB), preocupada com o futuro das publicações científicas brasileiras, depois da divulgação dos novos critérios QUALIS da CAPES, organizou uma série de encontros em sua sede em São Paulo. Os Editores das principais revistas médicas do país, diretores da ABEC (Associação Brasileira de Editores Científicos) e os coordenadores das áreas de Medicina II e Medicina III da CAPES trocaram informações e, acima de tudo, elaboraram propostas para aprimorar o processo de avaliação dos periódicos científicos brasileiros pelo novo sistema QUALIS da CAPES. A produção científica classificada pelo QUALIS constituirá um dos itens principais da avaliação dos programas de pós-graduação no último triênio. Considerando que a principal fonte de artigos científicos para as revistas brasileiras é proveniente dos programas de pós-graduação vinculados à CAPES, era muito importante afinar o discurso e garantir uma linguagem comum para todas as partes envolvidas. Do lado dos Editores há receio de que os novos critérios da CAPES possam criar uma subclasse de periódicos baseada exclusivamente no Fator de Impacto ISI. O critério anterior indicava, como ponto de corte, fator de impacto igual a 1. Recentemente, algumas revistas brasileiras conseguiram, com enormes esforços, atingir esse patamar. Entretanto, os novos critérios, além de considerar apenas o fator de impacto, estabeleceram pontos de corte bem mais elevados. Adotando-se essa medida, as revistas brasileiras passariam a ser preteridas pelos orientadores e alunos de pós-graduação – os grandes produtores da ciência brasileira – criando-se assim um círculo vicioso no qual seria difícil a sobrevivência dos nossos periódicos.

Pelo lado da CAPES, falou o professor João Pereira Leite que, além de coordenador da área de Medicina II, é também o atual representante da área de saúde no CTC – Conselho Técnico Científico – órgão máximo da CAPES. Ele, durante uma de nossas reuniões, fez detalhada explanação sobre os critérios adotados nos triênios anteriores e o impacto dos mesmos sobre os programas de pós-graduação do Brasil. Explicou ainda que, frente à evidente melhoria do nível dos programas, era preciso elevar o ponto de corte ou de separação para melhor discriminá-los e estratificá-los qualitativamente. A partir dos dados provenientes dos programas – colhidos pelo sistema de coleta CAPES – foi observado que muitos tinham mais de 50% – alguns mais de 80% – de sua produção científica publicada em periódicos dos estratos mais elevados. A CAPES, por sua vez, decidiu pela criação de um número maior de estratos para